

HAITIANOS EVANGÉLICOS: LUGARIDADES E EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM PORTO VELHO-RO¹

Rosa Martins Costa Pereira²

RESUMO

A experiência evangélica dos haitianos parece ser um tema de pouco interesse para os estudiosos. Considera-se que um dos motivos desse silêncio seja o preconceito disfarçado da crítica ao poder-ser. A suposta despersonalização gerada por uma religião importada que retiraria a “essência africana” dos haitianos, tem empobrecido o debate acadêmico e promovido certa desistência da busca pela compreensão de nossa condição como ser-no-mundo, que é complexa, não podendo ser reduzida pelas categorias acadêmicas, que se tornaram santuários científicos de intensa peregrinação por grande parte dos estudiosos das ciências humanas. Essa pesquisa teve como objetivo compreender aspectos da experiência religiosa evangélica de haitianos no contexto migratório a partir da análise de lugaridades, construídas em entrevistas com haitianos e brasileiros que tiveram experiências de migração e com imigrantes, respectivamente. O suporte teórico-metodológico se insere na interlocução entre geografia e fenomenologia. A partir das noções de mundos da vida (HEIDEGGER, 2010) e geograficidade (DARDEL, 2011), pensamos a religião como experiências do mundo vivido dos sujeitos da pesquisa que foram narradas em contato pessoal e prolongado com a pesquisadora. As lugaridades analisadas relacionam-se às experiências da vida, não somente à igreja. A experiência religiosa é vista como experiências com Deus na vida em movimento.

Palavras-chave: Lugaridades. Experiência religiosa. Haitianos evangélicos.

INTRODUÇÃO

A compreensão de aspectos da experiência religiosa de haitianos evangélicos se deu a partir de suas lugaridades narrativas, nas quais observamos que suas experiências evangélicas anteriores no país natal foram reorganizadas no contexto migratório, sem perder totalmente o vínculo com suas comunidades religiosas de origem. Com efeito, eles recriam novas experiências religiosas no espaço telúrico, formando e convivendo na sua fé em uma nova Igreja, composta por membros de diferentes denominações. Assim, como comunidade, atualizam suas experiências com a terra natal.

A pesquisa teve como objetivo compreender aspectos da experiência religiosa evangélica haitiana no contexto migratório a partir da análise de lugaridades construídas em entrevistas abertas e em profundidade com haitianos e brasileiros que atuam ou atuaram

1 Esse texto é parte da Tese de Doutorado “Bondye beni ou: lugaridades com haitianos evangélicos, defendida em março de 2016 pela autora no Doutorado Interinstitucional (DINTER) entre a Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e o Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

2 Pedagoga, especialista em gestão escolar e em metodologia do ensino superior, mestre e doutora em geografia. Pesquisadora do Laboratório Território, Cultura e Representação/LATECRE/NEER/UFPR e líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias GET/IFRO. Coordenadora do Observatório do Instituto Federal de Educação de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia.

diretamente com os imigrantes haitianos.

Nesse texto, optou-se por limitar-se às entrevistas realizadas com dezessete imigrantes haitianos (dez homens e sete mulheres), apenas dois (um homem e uma mulher) não são membros da comunidade evangélica pesquisada. Decidimos manter suas entrevistas porque constituíram nossa porta de acesso ao mundo haitiano. Ainda que a maioria tenha autorizado o uso de seus nomes reais, optamos por substituí-los a fim de preservar o sigilo ético da pesquisa. É importante destacar também que durante a viagem da pesquisadora ao Haiti em 2015 teve-se a oportunidade de participar de uma palestra com um pastor evangélico haitiano. As anotações dessa palestra também compõem nosso foco de análise.

O suporte teórico-metodológico da pesquisa se insere na interlocução entre geografia e fenomenologia, um encontro que tem se mostrado profícuo. Entretanto, esse encontro ainda está por exercer influências nos estudos populacionais da ciência geográfica. Esse foi o grande desafio que enfrentamos: encontrar caminhos para uma análise fenomenológica de temas como o da fronteira, predominantemente estudados por outras abordagens.

CRISTIANISMOS NO HAITI

O cristianismo europeu chegou ao Haiti na sua vertente católica especialmente, pelas mãos de espanhóis como Colombo. Jeanty (2011) afirma que foi o cristianismo católico que “deu a igreja ao Haiti”. Por essa razão, ele se pergunta: “o cristianismo é uma religião importada?” E é o próprio autor que responde: “Le Christianisme ne connaît pas de frontières” (O Cristianismo não conhece fronteiras). Entretanto, a liturgia modelada pelas Igrejas ocidentais, que incluía, por exemplo, o uso do latim, em nada se identificava com a história e a cultura haitianas. Aliado a isso, a radicalidade com que se combatiam as crenças locais fez com que o cristianismo fosse considerado uma religião dos *blancs*, de estrangeiros, logo, importada e com conotação pejorativa. Para Jeanty o valor do cristianismo para o Haiti depende de sua adaptabilidade à cultura afro-latina e à contribuição histórica do país.

O protestantismo chegou ao Haiti no século XIX, muito tempo depois da Igreja católica pela via da educação e de forma diferente em cada região do país. Nas primeiras décadas do século XIX, Henri Christophe que governava a região norte, convidou protestantes para “abrir” escolas no país e, em contrapartida, eles poderiam “abrir” suas igrejas. À parte oeste do país, governada por Alexandre Pétion, chegaram metodistas que, mais tarde, abandonaram o país para fugir da perseguição de Pierre Boyer, assessor de Pétion que assumiu tanto o seu lugar e também passou a governar na região norte após o suicídio de Christophe.

Foi a partir de 1844 que os protestantes voltaram e se disseminaram no país por meio da construção de igrejas e escolas. Destacam-se as cidades de Porto Príncipe, Gonaïves, Jérémie e Cap Haitien, as quais tiveram forte influência evangélica em sua constituição (1300. – LE PROTESTANTISME..., 2000). É importante destacar que essas cidades são os lugares de origem de um grande grupo de haitianos que está no Brasil e que de lá (principalmente de Gonaïves) emigrou a maioria dos sujeitos que participaram de nossa pesquisa.

Uma figura que ilustra a presença protestante no Haiti é a do pastor Mark Baker Bird (1807-1880), que viveu no país durante trinta anos. Diferentes grupos protestantes se instalaram no país, os quais, a partir desse momento, passaram a ser designados como “evangélicos”,³ entre eles: batistas, metodistas, adventistas do sétimo dia e episcopais. A ênfase na educação e na formação de pastores entre a comunidade haitiana pode ter contribuído para a disseminação evangélica no país.

A utilização do crioulo como língua de evangelização e a fixação das igrejas em bairros populares e na zona rural promoveram um grande crescimento do protestantismo no Haiti a partir, principalmente, da década de 1950. Além disso, o protestantismo foi considerado um refúgio diante da relação mal resolvida pela Igreja católica com os haitianos, pelo

3 Utilizamos o critério da autodenominação referida por grande parte de cristãos não católicos.

vodu e “as forças do mal”, pelo senso de comunidade criado por exigências morais com aplicação na vida cotidiana. Aliado a tais aspectos, consideramos que outro fator facilitou a aproximação com o protestantismo: a maior liberdade nas expressões religiosas que, assim como o vodu, valorizavam os cantos e o contato mais direto com a divindade.

Nas entrevistas realizadas com brasileiros, identificamos que a lugaridade de destaque no que diz respeito à questão religiosa haitiana é constituída por uma visão que, de modo geral, desqualifica a experiência evangélica como “farsa”, lançando mão de discursos até mesmo sobre a higiene como justificativa.

Foram os argumentos que sustentam essa compreensão que nos fizeram optar pelo estudo de lugaridades religiosas com haitianos e haitianas que participam de uma comunidade evangélica em Porto Velho, Rondônia. Esses argumentos se apoiam em conectores que vão desde uma visão de autenticidade (coerência entre fé e vida) até hábitos de higiene. O tema de fundo, entretanto, a nosso ver, tem a ver com o modo de acesso à haitianidade, pois se parte de um único acesso à sua manifestação telúrica, que, ora os liga à ideia da África (“deveriam ir ao candomblé porque é mais próximo a eles”), ora os liga ao país de destino, onde eles – forjariam uma experiência religiosa para serem aceitos (“farsa”). Consideramos ambas as visões preconceituosas por desqualificarem o ser da experiência religiosa que vivenciou processos históricos de regionalização cotidiana e cuja alteridade não é reconhecida quando se assume fora dos conceitos do outro, pré-formados sobre a sua existência e que negam a ele a condição de poder-ser.

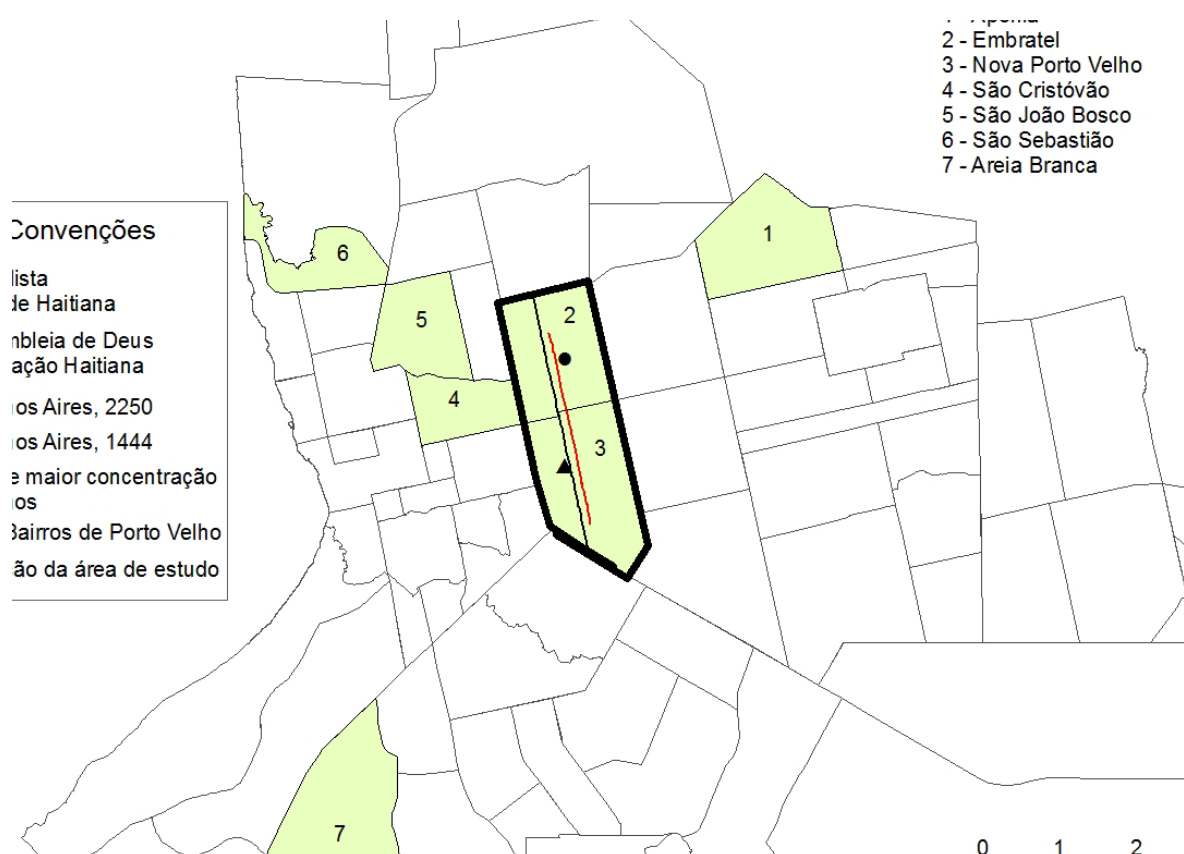
Acreditamos que a perplexidade que suscita em muitos a constituição evangélica de imigrantes haitianos que estão no Brasil tem como base, além do desconhecimento sobre a formação religiosa do Haiti, a visão de autenticidade cultural, segundo a qual compete a um grupo ser aquilo que se espera dele por sua “origem”. Essa visão desconsidera o que Santos (1994) chama de inter-viagens e interpenetrações culturais, bem como a composição de diferentes mundos que construímos em relação, conforme nos lembra Heidegger (2010).

VÁRIAS DENOMINAÇÕES, UMA IGREJA: DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

A comunidade evangélica haitiana à qual tivemos acesso durante a elaboração deste estudo está localizada em um dos bairros à época com mais concentração de haitianos na cidade de Porto Velho.

Segundo os dados coletados até fevereiro de 2014 nos atendimentos realizados pela Secretaria de Estado de Assistência Social de Rondônia (SEAS/RO), os haitianos buscaram moradia em localizações centrais da cidade ou que tivessem fácil acesso ao centro e nas rotas de seus postos de trabalho. Os principais bairros são: Aponiã, Embratel, Nova Porto Velho, São Cristóvão, São João Bosco, São Sebastião e Areia Branca. A comunidade pesquisada está localizada no bairro Nova Porto Velho, conforme podemos observar no destaque abaixo (Figura 1):

Figura 1 – Registro de moradias de imigrantes haitianos em Porto Velho atendidos pela SEAS/RO e área de estudo.



Fonte: LABGET/UNIR, (2015).

Nota: Elaborado com base nos dados coletados na SEAS/RO (2014).

Inicialmente, a comunidade se organizou no dia 13 de abril de 2012 sob a denominação que aqui chamaremos de “Igreja A”. A organização foi iniciada por meio de encontros entre os evangélicos haitianos para orações, estudos bíblicos e cantos em um lugar improvisado, perto da rodoviária da cidade. Entretanto, desde novembro de 2011, a igreja sede brasileira com a qual a “Igreja A” se vinculou vinha recebendo jovens haitianos interessados em ali congregar.

O primeiro pastor haitiano dessa comunidade evangélica haitiana gravou um DVD no qual apresenta trechos de cultos e entrevistas desde o início da organização da comunidade. No vídeo, o pastor afirma que os haitianos evangélicos entraram no Brasil para trabalhar, mas não podem esquecer quem “é o Deus da vida na nossa vida, que Jesus morreu por nós na cruz do calvário para dar a vida a nós”; e acrescenta: “por isso nós decidimos que, em qualquer país ou lugar onde nós estivermos, iremos levar o nome do nosso Deus e também colaborando com vocês, brasileiros, para que vocês saibam que nós, haitianos, conhecemos Jesus Cristo, esse nome que nos dá a vida”.

Durante a coleta de dados na Igreja A, conversamos no dia 28 de agosto de 2013 com um missionário brasileiro que aprendeu a falar crioulo e era representante da igreja sede⁴ para acompanhar a congregação haitiana. Ele nos disse que a congregação, que iniciara com cerca de 50 haitianos, era constituída por pessoas de diferentes lugares do Haiti, especialmente de Gonaïves e que, antes de alugarem o prédio onde estavam, eles se reuniam na Rua João Pedro da Rocha, perto da rodoviária. Segundo ele, muitos moram perto do templo, e os que moram mais distante se deslocam de bicicleta ou a pé e, por isso, é muito importante cumprir fielmente os horários.

A congregação, que, à época do início da pesquisa (em 2013), tinha pouco mais de um

⁴ Chamaremos de “igreja sede” a Igreja brasileira à qual a comunidade haitiana tinha se vinculado.

ano, estava ligada ao Setor 12 da igreja sede de Porto Velho. O missionário brasileiro, que gentilmente conversou conosco, falou-nos das necessidades materiais que ele percebia entre os membros da congregação – “é difícil, eles são sofridos” –, mas salientou que, “para louvar a Deus, eles não têm tristeza. Eles cantam, dançam... é a maneira deles de cultuar a Deus”.

A congregação foi organizada a partir da doação de outros membros: “um levava o órgão, outro doou o baixo, a guitarra...”. A Bíblia era utilizada nas versões em francês e em crioulo, e o hinário “*Chant’s d’Esperance*” norteava toda a prática litúrgica. Até aquele período, haviam sido realizados sete batismos, todos de homens, alguns dos quais foram recebidos por aclamação. A membresia estava em crescimento.

A constituição dos costumes eclesiais daquele grupo haitiano parecia não ser de conhecimento do missionário da igreja sede, pois, mesmo após um ano de organização da congregação, ele nos disse que ainda não tinha visto “apresentação de crianças”. No entanto, isso não pareceu ser um problema para a sede, pois sobressaía o zelo dos haitianos com o estudo da Bíblia, que era realizado às quintas-feiras, como também a preocupação em planejar (às sextas-feiras) o culto e as atividades da escola bíblica dominical. A função do missionário brasileiro era a de auxiliar os haitianos a se conformarem à doutrina da Igreja brasileira.

Entretanto, entre março e abril de 2014, a comunidade haitiana, reunida em assembleia, decidiu se desligar da igreja sede brasileira, construindo o que consideramos uma nova lugaridade religiosa. O dia do culto em que houve essa votação, nós estávamos presentes. A construção dessa nova lugaridade será analisada abaixo e, posteriormente, analisaremos as entrevistas dos haitianos e haitianas que participaram da pesquisa.

DE CONGREGAÇÃO A COMUNIDADE HAITIANA: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA LUGARIDADE RELIGIOSA

Além do trabalho de campo realizado na congregação haitiana, também realizamos estudos na biblioteca da igreja sede em Porto Velho. A partir de março de 2014, quando a comunidade deixou de ser uma “congregação” da igreja sede para constituir-se como uma “comunidade” também vinculada a outra igreja brasileira, continuamos nossos diálogos com o pastor haitiano e o contato com a comunidade e também incluímos o diálogo com o pastor brasileiro que coordenou a recepção e acompanha os novos membros na nova igreja que aqui chamaremos de “igreja B”.

A análise de alguns aspectos do que chamamos de conformação de uma nova lugaridade religiosa teve como base o conteúdo da pregação do pastor brasileiro da igreja sede da igreja A na ocasião que denominamos de “culto da despedida”, a qual marcou a desvinculação da comunidade haitiana da igreja A. Também tivemos como base a entrevista com o pastor brasileiro da igreja B. No período da entrevista, a comunidade haitiana estava havia um ano vinculada à nova denominação e tinha feito três anos de organização em Porto Velho. Pelo levantamento que realizamos, esta é a primeira comunidade haitiana em Porto Velho que se organizou como igreja vinculada a igrejas brasileiras, mas que se conformou em si como comunidade ao desvincular-se, por opção, de uma instituição religiosa da qual recebia a designação de “congregação”, vinculando-se a outra, assumindo para si uma nova designação como “comunidade”.

Retornaremos a esse assunto quando apresentarmos a análise das entrevistas com os dois pastores haitianos, o que organizou a comunidade haitiana da igreja A em 2012 e o que liderou tanto a saída da igreja A quanto a vinculação à igreja B em 2014.

O CULTO DA DESPEDIDA

O culto foi realizado em fevereiro de 2014, dois meses antes de a congregação completar dois anos de existência. O líder brasileiro da igreja A iniciou saudando com a “Paz do Senhor” e destacando o Evangelho de Marcos, capítulo 16 (“ide por todo mundo e pregai o Evangelho; quem quer e for batizado será salvo, e quem não crer será condenado”) (BÍBLIA..., 2007).

O pastor brasileiro da igreja A afirmou querer reportar-se à temática estudada na lição bíblica da escola dominical “em todas as Igrejas A de Porto Velho, de Rondônia e do Brasil” e que abordava a história bíblica de Moisés, sua liderança e seus auxiliares a partir do versículo base “ouve agora a minha voz e eu te aconselharei, e Deus será contigo”.

O sermão foi interrompido algumas vezes por manifestações da congregação haitiana. Indicaremos esses momentos e nossa descrição deles entre parênteses. O sermão está na ordem em que foi pronunciado e será organizado em partes, por questões didáticas, para fins de análise.

A liderança torna-se o eixo norteador do sermão. Tomando como inspiração o exemplo de Moisés, que liderou o povo de Deus até a terra prometida, o pastor em diferentes momentos do sermão destaca um quadro que nos parece maior que um conjunto de virtudes espirituais, conformando uma espécie de *ethos* cristão baseado na confiança nas relações, na liberdade, na responsabilidade e na vontade.

Um aspecto interessante que o sermão nos revela é o de certo descontentamento por parte da igreja brasileira pelo fato de a igreja haitiana não seguir a estrutura nacional. A não utilização do material, da sequência e dos conteúdos da escola bíblica da igreja A demonstra, para além da dificuldade com a língua portuguesa, uma tentativa de se manter vinculado à terra natal, uma forma de preservar não somente a memória religiosa, mas algo da conformação da vida que tinham no Haiti.

Há uma breve introdução à problemática da desvinculação da igreja haitiana da igreja brasileira. O pastor brasileiro passa a narrar eventos que estavam acontecendo no país, em Porto Velho e fora do país. Destaca o carnaval, a enchente histórica do rio Madeira (que causou muitos problemas ao estado vizinho Acre, sendo nesse contexto que o governo daquele estado adotou a polêmica medida de financiar a ida de grupos de haitianos para São Paulo), além de situações pelas que estavam passando outros países. Considerando que o tema a ser tratado no sermão não era fácil, o pastor brasileiro inicia realizando um chamado à paz e justificando que a “igreja de Cristo não pode parar” em meio aos problemas. Novamente é citada a temática da confiança. Se seguirmos a linha inicial do sermão, observaremos que o tema da confiança está mais relacionado a uma exigência cristã na relação entre a liderança da igreja.

Abordando a temática central do sermão, o pastor dá um tom formal ao anunciar que ele e a liderança da igreja Ali presente iriam fazer uma comunicação. Destaca que a tentativa inicial da congregação da igreja A “Brasil-Haiti” era a de congregar brasileiros e haitianos em uma mesma comunidade. Entretanto, o que se conformou, finalmente, foi uma congregação constituída especificamente por haitianos, com exceção do missionário brasileiro que os acompanhava. Os motivos para a não participação de outros membros da igreja A, bem como os modos como essa proposta foi recebida inicialmente por brasileiros e haitianos, não foram esclarecidos. Entretanto, observamos que, da parte dos pastores haitianos, o objetivo era constituir uma congregação na qual os imigrantes pudessem se reunir, ouvir e falar em sua própria língua, estabelecendo um vínculo de comunhão que os ajudaria a ser tanto uma rede de apoio no contexto migratório quanto um lugar de memória (NORA, 1993).

O sermão do pastor, a partir desse momento, configura-se a partir de seu lugar narrativo como líder brasileiro da igreja A. A liberdade parece ser uma concessão dentro de um sistema já estruturado da agência religiosa que representa. Há também uma posição que pode traduzir tanto um reconhecimento de alteridade quanto um estranhamento na distinção do “seu culto” em relação ao culto da igreja A. Entretanto, ainda que haja diferenças entre os cultos brasileiro e haitiano, o pastor recorre à institucionalidade da agência religiosa com mediadora e limite para a liberdade concedida.

Outro assunto abordado foi o relativo à desvinculação do primeiro pastor haitiano

da comunidade, que, segundo o pastor, fora acordada com a liderança da igreja. As razões para a desvinculação não foram expostas, mesmo sendo do conhecimento da comunidade, provavelmente pela presença da pesquisadora e de algumas brasileiras que lá estavam naquele domingo. Entretanto, como a pesquisadora participava dos cultos e de outros momentos com comunidade, e em contato mais próximo com alguns membros, ela conhecia o contexto até porque tal temática já havia sido abordada em entrevista pelo próprio pastor haitiano que liderou a desvinculação.

Tratava-se de exigências da igreja brasileira em relação ao pastorado. Se, para a igreja católica, o padre deve ser celibatário, na igreja A e em outras igrejas evangélicas, o pastor deve ser casado. O pastor Willy não havia formalizado seu casamento, e sua esposa, que não tinha vindo para o Brasil, já vivia maritalmente com outro homem no Haiti. A congregação haitiana, composta por pessoas de diferentes filiações religiosas evangélicas, também questionou a situação. Compreendemos que a questão do casamento do pastorado – mais do que a do celibato do padre, que é tida como indiscutível, ou a dos “escândalos”, vistos como “desvios” – revela uma intrínseca relação entre autoridade moral e liderança comunitária.

A figura do pastor nas igrejas evangélicas possui uma posição central. O pastor evangélico é visto como um líder, que, segundo Santos (2015), deve “[...] mobilizar toda a igreja para o crescimento” (p. 149). Mais do que isso, sua liderança é responsável pelo próprio desenvolvimento dos dons espirituais da comunidade. Há também a figura dos evangelistas, que são os “desbravadores”, “comissionados para anunciarem o Evangelho e ajudar a estabelecer uma nova obra na localidade” (p. 194). Observamos que o pastor haitiano que liderou a organização da igreja haitiana, ainda que considerado evangelista, na prática era pastor, considerando que pastores são aqueles que “[...] dirigem a congregação local e cuidam das necessidades espirituais” (p. 198).

Entretanto, consideramos que a situação conjugal do pastor haitiano não foi o único elemento que desencadeou a insatisfação da comunidade em relação à igreja A. Acreditamos que a proximidade do pastor Willy com a liderança brasileira da igreja A também gerou insatisfação na congregação haitiana, que considerava existir um descompasso entre suas necessidades e o modo como era tratada como congregação. Assim, já se vislumbrava a desvinculação da membresia, fato confirmado pela expressiva votação, como veremos adiante.

A institucionalidade novamente é mencionada como elemento de vinculação eclesial e hierarquia religiosa. Os mundos da vida são definidos a partir das experiências com a terra natal, marcando nelas a posição de alteridade por meio da alusão a um “lá” e um “aqui”, o que poderia fomentar insatisfação de ambas as partes. A língua é citada como barreira nesse processo de compreensão do outro, uma vez que se alude à necessidade da figura do intérprete para mediar o diálogo (o sermão foi traduzido simultaneamente para crioulo pelo pastor Jean).

Também fica clara a visão expansionista que caracteriza a igreja “A”. A administração de 309 congregações é realizada por meio de uma estrutura organizacional em setores. A congregação haitiana, vista como fruto desse trabalho de expansão, estava vinculada a um setor, assim como as demais congregações se vinculam aos respectivos setores. A expansão de igrejas é vista como uma graça, e a possibilidade de se expandir, como um privilégio. O pastor assume a impossibilidade desse privilégio no que diz respeito a esta congregação haitiana, considerando primordialmente que ela mesma não desejou tal vinculação.

Domingo passado nós estivemos reunidos no templo central com os obreiros e transmitimos a palavra do pastor Jean dizendo: **‘nós queremos ficar independentes’.** Ele disse: **‘a liturgia dos senhores da Assembleia de Deus não é igual à nossa, e nós não somos da Assembleia de Deus lá do Haiti’.** O pastor Jean mesmo de qual igreja lá no Haiti? [pastor Jean responde: Igreja Evangélica da Luz]. **Nós somos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus. É diferente. Mas, como nós queremos abrigar vocês, nós recebemos vocês com membros nossos. Mas como ele disse que não quer mais, nós estamos prontos para acatar. Nós queremos trabalhar com quem quer e pode. Quem quer e não pode, não dá certo. E quem pode, mas não quer, não dá certo. Tem que poder e querer.** Vocês estão me entendendo? Amém? (Amém). (grifo nosso).

Pela primeira vez, o pastor da igreja A expõe os motivos apresentados para a desvinculação. No sermão, os motivos narrados estão relacionados às diferenças litúrgicas entre a igreja A e a maioria das congregações de origem dos membros da congregação, inclusive do pastor haitiano que a liderava. A recepção da congregação haitiana no rol da igreja A é apresentada como uma forma de abrigo religioso, mesmo com o reconhecimento das diferenças, que poderiam ser muito mais do que litúrgicas. A vinculação é considerada à luz de dois parâmetros: o desejo e a possibilidade. No sermão, não se faz uma descrição sobre o conteúdo que compõe esses parâmetros, mas se enfatiza que a igreja A aceita a decisão da congregação haitiana por, talvez, não aceitar um tipo de vinculação diferente do efetivado até esse momento.

Ele foi o porta-voz de vocês. Eu quero saber de vocês quem está obedecendo a ordem dele e querem se desligar da Assembleia de Deus? Essa congregação vai continuar. Quem quiser vir pra cá, as portas estão abertas. Agora, quem quiser seguir o pastor Jean e o nosso irmão tem a liberdade. Nós somos livres. A gente só faz o que quer [manifestação da comunidade]. Atenção, irmãos. É essa a palavra de vocês, é isso? Entenderam? (Amém.) **Ele disse que vai achar um lugar para se reunir. Nós deixamos vocês à vontade para fazer o culto de vocês, mas, mesmo assim, não está dando certo.** Paciência, né? **O templo vai continuar, vai ter um dirigente aqui, e, quem quiser ficar aqui, amém, e, quem não quiser, paciência. E não, quantos estão de acordo com o pastor Jean e querem ir com ele? Fiquem em pé.** [Todos os membros ficam em pé]. Pronto, obrigado. **Todo mundo, né?** Todo mundo... pode sentar. Atenção, irmãos. Aqui é um culto de adoração a Deus, é um lugar de reverência. (grifo nosso).

Esse foi um dos momentos mais tensos: a hora da votação. O pastor solicita confirmação da congregação sobre o desejo de desligamento da igreja A, provavelmente considerando que essa poderia não ter sido uma decisão unânime, pois alguns poderiam estar simplesmente “obedecendo a ordem” do pastor haitiano. Entretanto, o que se viu, no momento em que o pastor da igreja pediu que ficassem em pé os membros que desejavam o desligamento, foi que toda a igreja haitiana ficou em pé, confirmando, assim, que a decisão era unânime e que não havia sido tomada naquele momento. O convite para que membros da congregação haitiana permanecessem na nova congregação da igreja A que seria formada a partir dali é reforçado outras vezes. “O templo vai continuar” reitera a ideia inicial do sermão de que “a igreja de Jesus Cristo não pode parar”.

Agora é o seguinte: nós investimos aqui para vocês. O investimento que nós fizemos vai ficar aqui, é nosso, brasileiro. O que for de vocês podem levar. Agora, o que for nosso tem que ficar aqui. Vai ter culto aqui. Nós precisamos dos bancos, precisamos do ar [condicionado], **aquilo de som que for nosso, vai ficar também.** [Manifestação]. Peraí, vai com calma. [Risos]. **Nós somos crentes, né?** O que for de vocês podem levar. Agora, o que não for vai ficar, é nosso. **E quem quiser ficar conosco tem a liberdade. Tem alguém que quer ficar conosco? Fica em pé. Quem quer ficar aqui na igreja?** [Manifestação da comunidade. Ninguém ficou em pé]. **Ninguém? Ah, ta bom.** [A comunidade ri]. **Aquela bandeirinha do Haiti que está aí na porta, nós vamos tirar, viu? Aqui vai ser uma congregação da [igreja A].** Quem quiser vir assistir o culto conosco tem a liberdade. (grifo nosso).

A partir desse momento, o pastor da igreja A passa a destacar questões práticas da partilha de bens adquiridos e que não poderiam ser levados pela igreja haitiana, que não era mais a congregação da igreja A. Esse foi um momento bastante tenso, especialmente quando o pastor enumera investimentos da igreja A (bancos, ar-condicionado) e, posteriormente, pergunta se alguém pretendia continuar, já que o templo permaneceria alugado para a igreja A e ali seria formada uma nova congregação. A solicitação para ficar em pé se repete, dessa vez interrogando sobre uma possível permanência. Entretanto, além de ninguém ter ficado em pé, a comunidade sorri. O aviso da retirada da bandeira do Haiti da porta do templo é um recurso simbólico utilizado para concretizar o desligamento da congregação haitiana, mas também é feito como um apelo emocional. Entretanto, o convite continua aberto, nem que seja “para assistir o culto”, sem uma obrigatoriedade inicial de vinculação.

Agora não é mais a congregação de haitianos. Vocês vão para outro lugar, vocês já podem. É aquela criança que, quando nasce, precisa da mamadeira, precisa trocar as fraldas, aprender as coisas, mas, depois que cresce, cada um toca a sua vida. Amém, irmãos? (Amém). Então, a gente agradece a vocês e deseja sucesso. (grifo nosso).

O pastor realiza a comunicação oficial da desvinculação e assume que ela era de haitianos e não de haitianos e brasileiros, conforme se tinha previsto no propósito inicial da expansão. A congregação haitiana, que completava dois anos de organização, é comparada com uma criança que foi cuidada e que agora tem condições de autonomia. Com isso, lembra-se que essa não era a condição com que havia sido recebida pela igreja A.

A partir de hoje qualquer implicação que houver entre o governo brasileiro e do Haiti é com vocês, não é mais conosco. [Várias manifestações da comunidade]. Atenção, irmãos. Nós somos crentes e queremos morar no céu, sim ou não, irmãos? (Oui/sim.) [As manifestações continuam]. Atenção. Calma, irmãos. **Aqui é Brasil.** A partir de hoje qualquer problema que houver entre o Brasil e vocês, não é mais com a gente, **vocês resolvam. Não vão dizer por aí que vocês são ligados à Assembleia de Deus.** Amém, irmãos? [Amém – bem forte]. **Deus abençoe os irmãos, fiquemos em pé e vamos orar ao Senhor.** [Manifestações da comunidade]. Atenção, irmãos. O pastor Willy, que foi quem trabalhou para existir isso aqui, ele se esforçou. Naturalmente, é difícil você começar um trabalho e ele crescer. Depois que ele cresce, você vê o trabalho mudar de rumo, então ele quer dar uma palavra para vocês, viu? **Vocês querem ouvir?** [Silêncio]. Amém, irmãos? (Amém.) [O pastor Willy falou em crioulo]. [Aplausos]. (grifo nosso).

A desvinculação remete ao desabrigo. O nome e o abrigo anteriormente oferecidos cessam a partir do momento em que a congregação vota, por unanimidade, pelo desligamento da igreja A. O pastor Willy, que liderou a organização da congregação, fala por alguns momentos em crioulo, a língua da proximidade e não entendida pelos brasileiros presentes, exceto pelo missionário brasileiro da igreja A, que também acompanhava a situação.

[Tradução feita pelo próprio pastor Willy]. Eu disse: Deus ajudou o pastor (da igreja A) desde o começo, quando eu cheguei aqui em Rondônia para que nós pudéssemos ter essa igreja Assembleia de Deus haitiana aqui. **Foi muita luta, foi muito sacrifício para ter essa assembleia haitiana aqui. Agora, como o pastor (da igreja A) disse, uma criança, depois que cresce, pode tomar uma atitude, uma decisão dela.** Pode decidir se vai sair de casa, e o pai não tem obrigação de segurar ele. Só que, quando for fazer alguma coisa, é melhor pensar antes de fazer. Eu falei também que **Deus vai abençoar essa igreja haitiana em qualquer lugar que ela estiver.** Agora, como o pastor (da igreja A) disse, **na questão de documento, vocês não precisam mais apresentar que são membros da igreja Assembleia de Deus. A única coisa é que você vai ter que procurar uma missão, outro lugar para fazer.** Eu terminei falando a bênção, que a graça de Deus cubra todos vocês onde vocês estiverem. Muito obrigado. (grifo nosso).

Consideramos que a tônica do breve sermão do pastor Willy foi a diminuição da perspectiva de desabrigo causada pelo rompimento da congregação haitiana com uma estrutura brasileira já consolidada, ao tempo em que reforçou sua autonomia e a permanência do vínculo com o mundo compartilhado evangélico.

Os sentidos que fomentaram uma diminuição da tensão anterior foram retomados, agora pelo pastor da igreja A, em seu discurso, oração e bênção final. A figura de Moisés reaparece de forma subjacente quando ele cita a experiência do povo de Deus no deserto e a atualiza na própria experiência que ali se vivia com um grupo de imigrantes em “terra estranha”. O discurso deixa claro que a decisão do desligamento da congregação haitiana foi tomada em decorrência da decisão da própria congregação e não da igreja A.

Meus irmãos, encerrando, vocês conhecem o capítulo 6 do Livro de Números, no versículo 22. Nós queremos que aconteça com vocês, viu? ‘Falou o Senhor a Moisés dizendo: fala a Arão assim abençoarei os filhos de Israel, dizendo-lhes: o Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e tenha **misericórdia** de ti. O Senhor sobre ti levante seu rosto e te dê a paz.’ (Glória a Deus.) Assim porão meu nome sobre os filhos de Israel, e eu os **abençoarei**. **Permita Deus que esta bênção sacerdotal dada ao povo de Deus lá no deserto, ela possa pairar sobre vocês daqui pra frente. Quantos dizem ‘amém’?** (Amém.) Encerrando, nós queremos dedicar nossa bênção apostólica a vocês. Amado Deus, eterno Pai, nós queremos te agradecer por este trabalho aqui nesta manhã que **estamos tomando essa decisão em função da decisão que os teus servos tomaram. Eles estão em terra estranha. Foram recebidos de braços abertos por nós, e eles estão saindo agora, que possam sair em paz. Deus amado, repreende todo espírito contrário contra o teu projeto e que o teu espírito possa pairar sobre a vida dos teus servos.** (grifo nosso).

Posteriormente, na continuidade do trabalho de campo, observamos que as questões colocadas tanto pelo pastor haitiano Jean, que liderou a comunidade evangélica na mudança de instituição religiosa, quanto pelo pastor brasileiro da igreja B, que a recebeu, indicavam que a congregação haitiana estava insatisfeita em relação à forma de vínculo estabelecido com a igreja A e requeria que a igreja brasileira estivesse mais atenta às suas necessidades.

Em culto posterior, no qual o pastor brasileiro da igreja B falou sobre a recepção da congregação haitiana na nova denominação, palavras como: “eu irei à casa de vocês e conhecerei suas famílias; vocês irão à minha casa e conhecerão a minha família” foram recebidas com grande júbilo e aplausos pela congregação haitiana. Uma relação mais próxima entre a sede brasileira e a congregação respondeu também a um anseio bastante relevante. A relação entre institucionalidade e a busca de construção de vínculos de pertencimento foi expressa na diferença de autodenominação, que mudou de “congregação”, na igreja Igreja A, para a de “comunidade” na Igreja B.

Figura 2 – Vista da frente dos templos da congregação haitiana da igreja A e da igreja B



Fonte: Rosa Martins (2013; 2015).

Outro aspecto que foi recebido com aplausos pela comunidade haitiana no momento da fala do pastor brasileiro foi o relativo ao princípio da universalidade cristã, destacado pelo pastor: “nessa terra somos todos estrangeiros. No céu não haverá brasileiro nem haitiano. Somos todos filhos de Deus. Nossa pátria não é o Haiti e nem o Brasil. Nossa pátria é o céu”. Essa mesma ideia foi repetida em algumas entrevistas com os haitianos.

Optamos por não transcrever a fala do pastor da Igreja B por ter sido muito breve, dentro

de um contexto de culto. Decidimos agendar outro momento para dialogarmos com mais calma sobre a recepção da comunidade haitiana que acabara de se desligar da Igreja “A”. A entrevista foi realizada no dia 06 de maio de 2015 no gabinete pastoral da Igreja B (sede), pouco mais de um ano após a recepção da comunidade haitiana. O diálogo foi gravado com autorização do próprio pastor e será transcrito a seguir. O pastor será aqui chamado de Paulo, e a transcrição foi realizada na mesma ordem do discurso.

[...] aí o pastor da igreja haitiana daqui dessa comunidade aqui em Porto Velho, que é o Jean, veio conversar conosco, mostrou interesse de sair dessa outra denominação, já que nessa outra denominação eles sentiam que **não ficava muito entendido esse vínculo de membresia** da denominação com eles. (grifo nosso).

Observamos que o ponto de partida para a desvinculação da denominação anterior ocorreu, inicialmente, no contato do pastor haitiano da Igreja A com um pastor haitiano da Igreja B de Manaus. A questão levantada foi a do vínculo de membresia. Esse vínculo não está relacionado à associação de pessoas que se unem por um objetivo em comum, mas à congregação de pessoas unidas por uma fé comum e um conjunto de práticas e ideias em com as quais mais concordam do que discordam. Esse vínculo também se relaciona ao sentimento de pertencimento de quem acolhe e de quem é acolhido.

Na verdade, o que acontecia, os dízimos e as ofertas deles, nessa denominação, tinha uma pessoa dessa denominação que ficava no templo, nos dias dos cultos, **e recolhia toda oferta e dízimo. Tanto é que as coisas que eles compravam deles, eles precisavam fazer vaquinha, uma cota entre eles.** E aí, o que essa denominação falava é que eles pegavam aquele dinheiro todo para pagar o aluguel, pagar luz do local onde eles estavam e falavam que o dinheiro ainda não dava. **O pastor Jean não tinha nenhuma remuneração.** Ele tinha trabalhado na construção da hidrelétrica, mas já estava no último mês do seguro-desemprego dele, **e ele já estava passando por algumas necessidades básicas, alimentícias, de pagar moradia.** Aí, nós fomos amadurecendo a ideia. (grifo nosso).

A dificuldade na relação de membresia se expressava, por exemplo, nos modos de gestão administrativa da igreja, como também na tentativa de homogeneização do ensino pastoral, sobretudo na escola bíblica. De acordo com as informações levantadas pelo pastor da Igreja B, a coleta do dízimo era repassada pela congregação haitiana à sede da Igreja A, que se responsabilizava pelo custeio da manutenção do templo, por exemplo. Entretanto, a congregação se ressentia de que precisava fazer uma “cotinha” para adquirir bens que precisavam, como microfones e outros equipamentos.

A congregação queria autonomia. O missionário da Igreja A nos informou que os recursos arrecadados com os dízimos quase não conseguiam cobrir nem as despesas com o aluguel do templo, e que, muitas vezes, a sede até mesmo completava o valor. Outra dificuldade do vínculo de membresia diz respeito ao subsídio pastoral. O pastor haitiano, que já estava no último mês do seguro-desemprego, também considerava sua própria dificuldade em conciliar a alta jornada de trabalho com o trabalho pastoral. Nesse quadro, a situação de insatisfação se instaurou e foi irreversível.

O pastor brasileiro da Igreja B nos informou que foi procurado pelo pastor haitiano da Igreja A, porque este tinha conversado com outro pastor haitiano que morava em Manaus e que este havia lhe falado sobre como era a relação da congregação haitiana existente em Manaus com a Igreja B. A partir desse contato inicial, começou-se a delinear a constituição dessa nova lugaridade.

Apesar do contato inicial com a Igreja B ter sido realizado pelo pastor haitiano, a decisão de desligamento da Igreja A foi coletiva, com uma expressiva adesão, conforme vimos no culto de despedida. Algumas condições favoráveis contribuíram para essa decisão: a comunidade haitiana não precisaria mais pagar aluguel, uma vez que a agência que as receberia já possuía um local próprio com dependências para casa pastoral, que, no caso, contava com dois cômodos, o que desonerava o pastor de pagar aluguel para morar. Outra condição foi a maior autonomia dada na gestão administrativa da igreja, como também na liberdade para utilizar seus próprios materiais na escola bíblica.

Percebemos que houve uma preocupação da segunda instituição religiosa em prover o pastor de tudo o que precisava para suas necessidades básicas (como com o subsídio pastoral, de uso comum nas igrejas brasileiras) e também um grande empenho em trazer os filhos do pastor para o Brasil. Essas condições, que se relacionam à institucionalidade do vínculo de membresia da comunidade, são fundamentais não apenas para a manutenção e o desenvolvimento da igreja local, mas para a formação dos próprios vínculos de pertencimento a uma comunidade de fé.

Agora, o **processo de transferência de Igreja não foi muito fácil, não**; inclusive, essa denominação de onde eles saíram queria ficar com tudo o que tinham conquistado, comprando com cotas, com vaquinhas. Eu estive no dia, e quase que houve violência. **A gente nota, é impressão minha, a gente nota uma opressão ao imigrante.** Nós notamos que, infelizmente, alguns segmentos, algumas denominações, enxergam eles como um número. (grifo nosso).

Paulo destaca as dificuldades enfrentadas no processo que chama de transferência de Igreja e compreende que as formas como elas se manifestaram está relacionada ao fato de que havia em jogo uma condição específica, a de imigrantes. Consideramos que a vulnerabilidade advém não apenas da dificuldade no domínio da língua, mas da própria inserção em uma agência religiosa já estruturada e de caráter nacional.

Se, por um lado, haveria facilidade no processo de aceitação e acolhimento das agências religiosas brasileiras no sentido de autorizarem a organização de congregações de evangélicos haitianos, as relações de membresia dessas congregações com as agências religiosas podem se tornar problemáticas, aumentando ainda mais a vulnerabilidade dos imigrantes, os processos de integração e até mesmo criando sentimentos de rejeição em relação à sociedade em geral. Paulo utiliza a narrativa histórica do carisma da Igreja B para indicar que a atuação da Igreja não deve ter somente um “viés espiritual”, mas atender também as necessidades concretas da vida.

Na outra denominação, eles teriam que seguir um planejamento nacional. Primeiro que eu, eu particularmente, eu acho que um planejamento nacional de escola bíblica para um país do tamanho do Brasil é totalmente antipedagógico. Nós temos um país continental, onde a cultura do Norte é totalmente diferente da cultura do Sul, que é diferente do Nordeste, que é diferente do Sudeste. **Na verdade, esse conteúdo tinha que ser regionalizado e não nacional.** Então, isso já é uma crítica que também acontece na nossa igreja, e nós criticamos isso também. **Principalmente eles, já que na denominação onde eles estavam não existia uma cartilha, um livro em crioulo, e ninguém melhor do que eles para entender a cultura deles. Querendo ou não, há uma grande influência da cultura na hora de você passar as boas novas de Cristo, o Evangelho.** (grifo nosso).

A gestão do ensino pastoral também foi uma das questões abordadas por Paulo. Percebemos que ambas as denominações tinham certa flexibilidade em relação à escola bíblica dominical. No entanto, havia uma expectativa e orientação da Igreja A para que a comunidade haitiana fosse utilizando, progressivamente, os materiais próprios da agência religiosa, que estão redigidos em língua portuguesa. Já a Igreja B não só não demonstrou essa expectativa como estimulou que a comunidade utilizasse seus próprios materiais. Entretanto, houve uma preocupação em investir na formação do pastor, que já era formado no Haiti. A formação implementada pela Igreja B é uma graduação em Teologia que é reconhecida pelas igrejas B brasileiras e que possibilita a mudança do *status* de Paulo de “missionário designado” para “pastor da Igreja B”.

Eu não vejo muito problema na relação doutrinária lá na comunidade haitiana, mas, na verdade, eles sabatinaram a gente antes de vir para cá. Eles não vieram enganados. Eles sabiam como nós, cremos, quais são as questões doutrinárias da Igreja, as questões dogmáticas. Não tivemos dificuldades. A comunidade fez uma sabatina com a gente, não só o pastor Jean. Uma coisa que é muito forte neles é que as coisas são resolvidas na comunidade, e a comunidade tem força. Eles têm muita dificuldade em aceitar o subsídio pastoral, acho que por eles passarem muitas dificuldades financeiras, eles têm essa dificuldade. (grifo nosso).

As questões relativas às doutrinas e dogmas da Igreja B foram esclarecidas quando a comunidade haitiana tomou a decisão de se inserir nessa instituição religiosa. A “sabatina”, realizada em assembleia com a comunidade, não foi protagonizada somente pelo pastor haitiano. A dificuldade em aceitar o subsídio pastoral⁵ não acontece somente entre a comunidade haitiana, mas compõe o mundo compartilhado de muitas Igrejas evangélicas. Na Igreja católica essa questão não é tão visibilizada, pois, geralmente, a comunidade desconhece o quanto de recursos é mobilizado para o custeio pessoal dos sacerdotes.

Mais do que o vínculo de membresia religiosa, consideramos que a música e a Bíblia exercem uma função de centralidade na conformação das lugaridades religiosas dessa comunidade haitiana. É importante ressaltar a presença de muitos cantos que envolvem a temática da esperança e que possuem uma especial vinculação com a pessoa de Jesus Cristo, seja pelo seu trabalho missionário, ou pela sua morte, ressurreição e segunda vinda. Por meio dos cânticos e da musicalidade vivida no Haiti e continuada no Brasil, observamos que a experiência religiosa em situação de migração possui características transfronteiriças. *Chants d'Esperance*, o livro de cantos mais utilizado pela comunidade haitiana cristã-evangélica, ao nosso ver, é fundamental na conformação de novas experiências religiosas, na inauguração e consolidação de novas igrejas, por mobilizar memórias de lugares vividos e que não estão mais à mão, mas que são ressignificados com um modo duplo de vinculação de experiência religiosa e mundo vivido; são o “aqui” e o “lá” que se encontram e constroem lugaridades entre pessoas, muitas das quais nem se conheciam no Haiti e frequentavam igrejas diferentes.

Concluindo nossa leitura sobre a construção dessa nova lugaridade religiosa a partir da desvinculação de uma agência e da vinculação a outra, consideramos que a comunidade haitiana teve um papel ativo nesse processo, pois: (a) da mesma forma como buscou a Igreja A, declinou e buscou a constituição da parceria com a Igreja B; (b) a liderança dos pastores haitianos não é incontestada, pois, durante a pesquisa, o primeiro pastor haitiano teve de declinar da função em decorrência da não aceitação da comunidade, como veremos posteriormente. Esse pastor, que aqui chamamos de Willy, continuou vinculado à Igreja A e não acompanhou a comunidade em sua nova lugaridade, que teve como líder o pastor nomeado aqui Jean; (c) na escola bíblica, a congregação haitiana não seguia o modelo nem o conteúdo das mensagens utilizados nacionalmente pela Igreja A; (d) no culto que marcou a finalização da vinculação do grupo haitiano à congregação da Igreja A, foi realizada uma votação, a pedido do líder brasileiro local da Igreja A, e a comunidade decidiu por unanimidade pela mudança; (e) o número de membros não diminuiu após a mudança de denominação; ao contrário, aumentou; e (f) a comunidade haitiana fez uma “sabatina” com os líderes da Igreja A antes de tomar a decisão de mudar de denominação.

A seguir, analisaremos as entrevistas que realizamos com membros da comunidade haitiana evangélica. Como as entrevistas foram abertas, a escolha do “por onde começar” foi feita pelos próprios sujeitos da pesquisa. Alguns escolheram iniciar falando sobre a vida no Haiti ou na República Dominicana, mas esse não foi um início comum. Entretanto, de algum modo, esse tema apareceu durante as narrativas.

A VIDA NO HAITI E NA REPÚBLICA DOMINICANA

A vida no Haiti geralmente é narrada como tendo como marco divisor o terremoto de 2010. As narrativas destacam as atividades profissionais exercidas antes da vinda para o Brasil.

Alguns sujeitos destacaram outras experiências migratórias e, nesse contexto, aparece a complexa relação entre o Haiti e a República Dominicana. As razões primeiras para a emigração são econômicas, relacionadas às dificuldades da família, geralmente numerosa, em manter o sustento básico de seus membros. A emigração é vista como a única saída possível nessa situação.

Aqui já percebemos as dificuldades encontradas no processo migratório envolvendo outros países. Essas dificuldades são apresentadas, especialmente, em relação à regularização da documentação no país de destino e à inevitabilidade da deportação.

⁵ Equivalente ao “salário” do pastor.

A vizinha República Dominicana, apesar de ser o destino visado mais próximo, não é considerada um bom lugar para morar. “**Lá na República Dominicana é muito perigoso para nós.**” (Nádia, grifo nosso). Entretanto, a proximidade “do outro lado da ilha” possibilita a não ruptura com os laços familiares cotidianos, pois é possível “atravessar a fronteira” e visitar a família com certa frequência. Fred foi um dos poucos que consideraram a experiência migratória na República Dominicana como positiva, mas por um período determinado.

Enquanto o pastor Jean descreve seu processo de formação em teologia e o trabalho em igrejas evangélicas de diferentes denominações no Haiti, o pastor Willy fala sobre o início de seu ministério no país onde cresceu, a República Dominicana, e de sua ida ao Haiti, já como pastor, para evangelizar seu próprio país, onde também organizou igrejas.

Ainda que o terremoto de 2010 não tenha sido o único aspecto a influenciar a decisão de sair do país, foi com certeza o mais descrito pelos sujeitos da pesquisa como o ponto culminante que marcou o limite para suportar o caos no qual o país mergulhou, mas também para impulsionar a decisão de quem já desejava sair, antes mesmo do terremoto.

A DECISÃO DE VIR PARA O BRASIL E O TERREMOTO

Dina foi afetada diretamente pelo terremoto. Ela morava em Porto Príncipe. Conseguiu passar pelo terremoto com vida, mas perdeu sua casa, seu emprego, sua faculdade e, o mais importante, seu pai. Durante a entrevista, Dina chorou ao lembrar desses momentos que a fizeram decidir sair do país. Mas a decisão não esteve relacionada diretamente às perdas advindas do terremoto para todos. Angeline já sentia o desejo de viajar para fora do país e veio sozinha, aproveitando que muitos outros haitianos estavam vindo também.

A decisão foi mais difícil para Esperance, pois envolvia uma forte relação afetiva e todas as emoções que transitam no coração de uma mãe dividida entre ficar com seus dois filhos no Haiti ou viajar para se encontrar com o marido, que já estava no Brasil. Por esse motivo, Esperance chora todos os dias com saudades dos seus filhos e que espera recebê-los em breve.

Já Caleb teve como motivação o desejo de estudar. Seu sonho é desenvolver uma pesquisa de pós-graduação sobre a juventude em lugares desfavoráveis e sobre como essa relação influencia na delinquência juvenil. No início, seu desejo era estudar no Haiti, mas, ao chegar ao Brasil, observou que esse não é um problema apenas de seu país e, agora, pretende ampliar seu olhar e se inserir em uma universidade pública brasileira para ter condições de fazer sua pesquisa.

O Brasil não foi o país de destino para todos os imigrantes haitianos, como muitos pensam. Em alguns casos, a escolha da rota Brasil foi realizada após a saída do Haiti. Se, por um lado, isso pode nos revelar que nem todos teriam emigrado via coites, esse dado nos leva também a pensar na existência de diversas redes de tráfico humano com saída no Haiti e que chegariam a um determinado ponto do qual os imigrantes partiriam para diferentes destinos.

A decisão de vir teve uma forte influência familiar. É o caso de Nádia, que deixou o noivo no Haiti e veio para o Brasil por causa de um projeto familiar. Esperance, como outras mulheres decidiram vir para o Brasil após a emigração de seus maridos.

A vinda para o Brasil aumentou a responsabilidade com a manutenção da família e criou uma dupla luta pela sobrevivência: sobreviver no Brasil e manter sua responsabilidade com a família no Haiti.

BRASILEIA

Dos dezessete imigrantes entrevistados, somente um não passou por Brasileia. Alguns silenciaram sobre essa experiência em suas narrativas. Mas aqueles que decidiram falar nos apresentaram um quadro de muito sofrimento, mesmo fazendo referência a ações governamentais, como o pagamento de hotel. Sabemos que o número de pessoas excedeu em muito a capacidade hoteleira e da própria cidade.

O pior, porém, é saber que tal situação perdurou por anos. A falta de uma atuação federal efetiva que articulasse um trabalho de cooperação entre os estados e que desse suporte aos estados “de entrada”, no caso, da fronteira norte (Acre e Amazonas), bem como a falta de acompanhamento efetivo das ações desses próprios estados, fizeram com que o primeiro contato dos imigrantes haitianos com o Brasil fosse similar ao vivenciado num campo de refugiados, revelando um total descompasso entre a política externa da diplomacia brasileira e as articulações com a política interna do país.

Ocupamos o Haiti e não queremos receber seus habitantes aqui? A democracia brasileira sofreu um grande golpe com essa ocupação, realizada sem uma discussão pública dos motivos e consequências. Há instrumentos – como os referendos – de consulta à população. Quando há interesse, organizam-se grupos de trabalho, conferências nacionais. Mas nada disso foi feito neste caso, e o “convite” do ex-presidente Lula não foi acompanhado sequer de diálogo com os líderes estaduais e municipais, que foram “pegos de surpresa”, mais tarde, por uma migração coletiva. O pronunciamento de um presidente, um jogo de futebol “da paz” são situações emblemáticas, mas consideramos que a ocupação do Haiti, que já dura 10 anos, e a liderança brasileira na MINUSTAH constituíram o maior convite.

A média de permanência em Brasileia era de um mês. As dificuldades vivenciadas eram de toda ordem. Alguns optaram por não as descrever, apenas disseram que a experiência foi “muito, muito, muito difícil”. Outros relataram as dificuldades de adaptação à culinária brasileira, o que era percebido pelos brasileiros como “ingratidão”, como pudemos observar na entrevista com João, responsável, à época, pelo abrigo em Brasileia.

Durante nosso trabalho de campo em Brasileia, conhecemos Alex Oliveira, um paulista que viaja pelo mundo se dedicando à sua arte, que é a fotografia. Seu pseudônimo é “Alex Kbelo”, e, no período do campo, fazia 5 meses que estava em Brasileia e costumava ser tradutor entre imigrantes e brasileiros, pois fala vários idiomas. Uma frase escrita em francês, em uma placa improvisada, chamou nossa atenção quando estivemos por lá. Na placa, perguntava-se se alguém queria falar sobre sua vida. A pergunta era direcionada aos imigrantes. Procurei saber quem era o autor da placa e acabei conhecendo Alex. Ele disse que gostaria muito de conhecer as histórias de vida dos haitianos e de outros imigrantes, mas que, até aquele momento, ainda não tinha conseguido. Falamos sobre nossa pesquisa e, depois, trocamos alguns e-mails sobre a situação na fronteira. Ele, gentilmente, cedeu-nos diversas fotografias que ele fez. Algumas estão abaixo:

Figura 3 – Mosaico de fotografias – Brasileia/AC



Fonte: Oliveira (2014).

Nota: Fotografia A: Praça na qual os imigrantes aguardam para solicitar documentos em Brasileia. Fotografia B: Lugar de cadastro de imigrantes na entrada do abrigo em Brasileia. Fotografia C: Placa na entrada do abrigo em Brasileia. Fotografia D: Imigrante haitiano saindo de Brasileia com documentos.

A partir de Brasileia iniciava-se um longo percurso. Para alguns, a certeza temporária de um emprego temporário; para outros, a incerteza de tudo, inclusive de onde dormir naquela noite de chuva quando pensou que chegaria a Porto Velho, mas, na verdade, chegava a “Nova Mutum”, nome dado ao distrito Mutum Paraná, localizado a 160 km de Porto Velho, uma das quatro comunidades inundadas até agora pela construção das usinas hidrelétricas do rio Madeira.

NOVA MUTUM

O único que comentou o descaso que representou abandonar os haitianos na vila de Nova Mutum no meio da noite foi Emmanuel, talvez porque somente ele, entre os dezessete entrevistados, estivesse no ônibus enviado pelo Acre a Rondônia. Não é do nosso conhecimento se essa situação se repetiu com outros grupos de haitianos e nem se os governos do Acre e de Rondônia tomaram alguma medida institucional para que isso não mais acontecesse, ou, ainda, se o caso foi levado aos órgãos de proteção dos direitos humanos; o fato é que esse grupo do qual Emmanuel fazia parte foi retirado do Acre institucionalmente e deixado à beira do caminho em uma vila, no meio da noite. Evidentemente, o motorista brasileiro sabia que deveria deixar os haitianos em Porto Velho, no ginásio Cláudio Coutinho, onde já havia outros haitianos ou, no mínimo, sabia a diferença de localização entre Mutum Paraná e Porto Velho. Emmanuel narra seu papel de protagonista na decisão de ir com mais um amigo para Porto Velho e buscar ajuda para que fossem buscar os demais haitianos que haviam sido deixados em Mutum Paraná.

PORTO VELHO

Conforme o fluxo do qual faziam parte os sujeitos da nossa pesquisa, a experiência migratória se diferenciava. Em relação à recepção, os haitianos dos primeiros fluxos descrevem uma situação caótica na chegada, mas uma facilidade na inserção no mercado de trabalho. Depois, a situação se inverte: a chegada a Porto Velho passa a ser menos traumática, mas o emprego passa a ser mais disputado, seletivo e raro.

A aprendizagem da língua portuguesa foi um problema a princípio, mas percebemos um esforço das próprias empresas em oferecer cursos instrumentais. À medida que os fluxos se sucediam, aumentava a seletividade, dando-se prioridade aos haitianos de fluxos anteriores, que já falavam a língua portuguesa. Acreditamos que isso contribuiu para que, até hoje, Porto Velho mantenha um grupo de haitianos dos primeiros fluxos, enquanto os haitianos de fluxos mais recentes se dirigiam a outras cidades brasileiras.

Em Porto Velho, assim com em outras cidades brasileiras, a Igreja católica se destacou na recepção dos haitianos tanto no acolhimento, como já nos disse a irmã Sônia em sua entrevista, quanto na denúncia de violações a direitos humanos. De um modo geral, a análise feita pelos haitianos participantes desta pesquisa é a de que a experiência migratória em Porto Velho tem sido positiva.

Emmanuel descreve como foi a chegada à rodoviária de Porto Velho naquela noite em que o grupo no qual estava fora deixado em Nova Mutum. Com fome e sem direção, conseguiu se comunicar com dificuldade com dois policiais militares que ajudaram ele e o amigo, tanto comprando “uma janta” quanto entrando em contato com os órgãos competentes e os levando para o Ginásio Cláudio Coutinho, onde já havia um grupo de haitianos.

Algumas ilusões foram acalentadas antes da saída do Haiti e desmanchadas no meio do caminho. Outras, entretanto, foram criadas e dissolvidas aqui mesmo. As barreiras não apareceram somente entre brasileiros e haitianos, mas também entre eles mesmos.

[Casa de apoio]

Mas lá na casa de apoio tinha um grupo de haitianos maus que não aceitaram as pessoas que estavam comigo e não deixaram a gente ficar lá e ficamos na rua, dormimos na rua e, de dia, ficamos procurando casa para morar. **A situação era muito difícil porque alguns haitianos não sabem viver como irmãos.** (Nádia, grifo nosso).

Nádia teve que dormir na rua pela primeira vez na sua vida, mesmo depois de ter enfrentado todas as dificuldades para chegar a Porto Velho e conseguir um lugar para morar na casa de apoio até conseguir trabalho. O desespero tomou conta dela quando os amigos que a protegiam foram expulsos da casa por outros haitianos. Nádia ligou para o noivo no Haiti e pediu desesperadamente que ele viesse para o Brasil.

BRASIL

Um aspecto muito presente nas narrativas foi a descrição do percurso, talvez porque essa informação tinha sido solicitada a eles várias vezes antes da nossa pesquisa e, por isso, eles se sentiam um pouco na obrigação de falar sobre isso ainda que eu não fizesse perguntas ao respeito.

[Migração e percurso até o Brasil]

O haitiano tem que viajar. Mas viajar para os Estados Unidos, França, Canadá, é aquele país que o haitiano conhece. E, agora, o haitiano conheceu o Brasil, por isso os haitianos vêm para o Brasil. **Na cabeça dele, o Brasil é igual aos Estados Unidos, França e Canadá. Mas, quando ele chega aqui, nada a ver.** Mas, quando a pessoa viaja, trabalha, manda dinheiro, volta pro Haiti e abre um negócio, assim ele consegue sobreviver. [...]. Tem que ter muita coragem para vir sozinho do Haiti. viajar **O boliviano é muito pior do que brasileiro. Fica pedindo dinheiro, matando haitiano, é muito pior do que no Brasil. Eu não quis ficar nenhum dia na Bolívia.** (Dina, grifo nosso).

O mapa abaixo foi elaborado com base nas rotas indicadas pelos sujeitos nas entrevistas (Figura 3):

Figura 4 – Rotas até Porto Velho-RO.



Fonte: LABGET/UNIR (2014).

Nota: Elaborado com base nas entrevistas e nos dados coletados.

De modo geral, o ponto de partida foi o próprio Haiti e, depois, a República Dominicana, o Panamá, o Equador e o Peru. Ao chegarmos ao Peru, identificamos as duas rotas utilizadas pelos participantes da pesquisa: uma pelo Acre, que se bifurca em duas rotas: a rota via Assis Brasil e Brasileira, sendo a rota mais importante a de Brasileia, e a rota via fronteira Leticia-Tabatinga, Manaus, até chegar a Porto Velho.

A rota mais utilizada foi a do Acre, pois somente um entre os sujeitos da pesquisa entrou via Tabatinga, Manaus, para chegar a Porto Velho. E, também, é importante destacar que ele veio em busca de sua noiva, que já estava em Porto Velho, e não tinha a cidade como destino migratório.

A flexibilidade na definição do país migratório foi algo que nos chamou a atenção em algumas narrativas, como a de Fred.

Bom, na verdade, eu saí de casa para a República Dominicana, da República. eu vim pra cá. Só que eu estava indo para o Chile, mas eu tenho um grande amigo, ele é haitiano também, aí **ele falou 'vamos lá para o Brasil, vamos lá.** Olha só: no Chile, você não vai conhecer ninguém. Eu sou seu amigo, vamos juntos para o Brasil'. E aí acabei vindo para o Brasil, **mas, depois que cheguei no Acre, a situação ficou muito difícil, e aí eu pensei em não ficar muito tempo no Brasil.** Eu já tinha pensado em ir para a Guiana, porque lá eu tenho parentes, e os meus parentes iriam esperar por mim. Mas as coisas começaram a dificultar um pouquinho, o dinheiro vai diminuindo, **eu troquei umas ideias com umas pessoas também, e aí a gente acaba ficando no Brasil.** Mas o destino, o destino total não era o Brasil. Era o Chile, do Chile pra Guiana, e aí mudou tudo. (Fred, grifo nosso).

A experiência migratória que começou como um sonho acabou sendo revelada em sua realidade concreta, fazendo Fred pensar inclusive se deveria prosseguir viagem dentro do Brasil.

Fred nos contou que muitos haitianos desejam sair do país, mas não têm condições de financiar a viagem e, num desabafo, afirma que os que conseguem chegar sabem o preço material e humano que pagaram no processo migratório. **“Então, é isso, ajudar aquele que vem, se ele tem como vir.”** (Fred, grifo nosso). É o que Fred pede aos brasileiros.

A questão do aluguel foi muito citada nas entrevistas, especialmente por dois motivos: o alto preço e a desonestidade dos brasileiros ao cobrarem preços diferentes (mais altos) para os haitianos. Se alguns haitianos conseguiram um valor salarial médio considerando o padrão local, o custo de vida em Porto Velho, que é altíssimo, precisaram gastar na sobrevivência imediata o que poderia ser investido para alcançar os objetivos de seu projeto migratório.

Ao contrário do que se esperava, o futebol não foi um tema recorrente nas entrevistas. A história do futebol brasileiro, mais do que o real desempenho atual, encantou mesmo muitas gerações, mas o futebol está relacionado ao projeto migratório haitiano por outro motivo. Não se pode esquecer que a construção das grandes obras para a realização da Copa do Mundo no Brasil em 2014 prometia gerar muitos empregos... temporários e com baixos salários.

Se o futebol brasileiro não teve destaque nas entrevistas, o racismo sofrido, sim. O racismo se manifesta de diferentes formas. Com os sujeitos da pesquisa, manifesta-se de forma direta, motivado pela questão econômica. O local de trabalho é um campo de racismo recorrente, e a discriminação se manifesta por meio de desigualdade no tratamento dispensado aos funcionários brasileiros e haitianos; pela exploração da mão de obra com a justificativa de que são imigrantes e negros; o argumento da negritude é utilizado para justificar a aceitação de escravidão, a não contratação de haitianos e também a desvalorização das mulheres.

Talvez o aspecto positivo do processo migratório no Brasil mais destacado pelos sujeitos da pesquisa tenha sido o da regularização da documentação. No contexto da migração haitiana, observamos que a política migratória brasileira esteve voltada à emissão de documentos, mas constatamos que não existia nenhum projeto articulado entre os estados para a acolhida, encaminhamento, acompanhamento e fiscalização quanto às leis trabalhistas e às demais necessidades que o processo migratório demanda. Enquanto a atuação pública foi improvisada e desarticulada, alguns setores da sociedade civil do país

se organizaram. Algumas instituições têm maior projeção nacional, como a Igreja católica, e outras tiveram uma participação menos visível, mas muito importante.

De qualquer modo, esses setores geralmente estão vinculados a alguma agência religiosa. No âmbito público, as universidades se destacam, e parece ser uma tendência nacional o maior envolvimento dos cursos de Letras e Direito. Mais recentemente, os institutos federais de educação, ciência e tecnologia têm começado a se projetar, especialmente no campo da qualificação profissional de imigrantes.

EXPERIÊNCIA RELIGIOSA

“A questão religiosa não tem fronteira, não tem país.

Você tem que fazer só uma coisa: se anima e siga o seu caminho.” (Emmanuel)

A experiência religiosa comunica o vivido e, mais do que isso, ela é também uma nova vivência. Nesse sentido, as experiências religiosas vivenciadas em situação de migração não são apenas uma repetição do que se viveu anteriormente, mas implicam a criação de novas formas de vivenciar o religioso.

Uma dessas formas em que acreditamos se manifestar essa expressão de temporalidade da experiência religiosa é a constituição da atuação pastoral dos haitianos no Brasil. Com formação e experiência pastoral no Haiti, ao chegarem ao Brasil, eles têm escolhido se inserir nas agências religiosas brasileiras estruturadas. Se, por um lado, isso lhes dá certo “abrigo” em sua condição migrante no que diz respeito ao mundo brasileiro, especialmente ao mundo compartilhado pela fé evangélica, por outro lado, a vivência dos modos de ser igreja no Brasil causa-lhes estranhamento e, muitas vezes, exige deles uma decisão entre aceitar as condições e manter a membresia ou buscar outras agências religiosas ou outras formas de organização.

Como já dissemos, somente dois sujeitos de nossa pesquisa não participam da comunidade religiosa, e essa informação será indicada na análise de suas narrativas. Com o objetivo de compreender os traços das narrativas sobre a experiência religiosa, organizamos a análise a partir de lugaridades que serão apresentadas a seguir.

Na interpretação das narrativas identificamos dezoito categorias que configuram lugaridades da experiência religiosa dos sujeitos que participaram da pesquisa.

Na lugaridade “católica”, observamos que a experiência vivenciada no Haiti não se repete simplesmente na situação migratória. Uma vivência anterior não tão significativa para a vida pode ser abandonada no processo migratório. Dina aponta que **“a missa é tudo igual, só a língua que é diferente”** (grifo nosso). Entretanto, é importante ressaltar que o abandono, temporário ou não, da prática religiosa anterior não representa simultânea adoção de outra, como observamos na narrativa de Dina.

Ainda que utilizem os mesmos adjetivos para se referir a pessoas que participam da mesma comunidade religiosa, observamos uma especificação entre a lugaridade “crente” e a lugaridade “evangélica”. Na primeira (crente), destaca-se mais o sentimento, a vontade de congregar, a esperança, a força que vem de Deus; na segunda (evangélica), observamos uma maior relação com a instituição religiosa, como quando se alude à questão da denominação ou a vivência de ritos.

Na lugaridade “*parousia*”, manifesta-se que a temporalidade da experiência religiosa ganha um sentido especial na experiência migratória: enquanto **“somos estrangeiros da terra”**, também **“estamos só passando para esperar o som da trombeta”** (grifo nosso).

As lugaridades “Igreja – identificação e mudança” e a lugaridade “Bíblia” têm como aspecto em comum a percepção de que a comunidade possui um vínculo que transcende a institucionalidade ou, pelo menos, não é somente por ela identificada. Esse vínculo tem como agente aglutinador a Bíblia, livro sagrado do cristianismo. A mudança da vinculação institucional com a agência brasileira é vista como algo positivo, pois a nova agência **“é mais parecida com a igreja que a gente vivia lá no Haiti, é mais próxima da gente”**;

entretanto, salienta-se que **“a Bíblia é uma só”** (grifo nosso).

É nesse sentido que a lugaridade “escola bíblica dominical - EBD” se manifesta como responsável por congregar, sob o agente aglutinador “Bíblia”, as diferentes experiências das denominações religiosas das quais os haitianos participavam no Haiti. “Aqui **tem muita gente que vem de diferentes denominações**. Todo mundo faz pergunta sobre a religião dele, a doutrina dele, com relação ao assunto que a gente está trabalhando na escola bíblica” (grifo nosso). A memorização é uma técnica muito utilizada no ensino haitiano. O ensino da Bíblia é percebido dentro de um alinhamento de aspectos fundamentais da crença e das instituições religiosas, e nele são utilizados métodos de ensino oriundos da educação escolar. **“Cada classe apresenta um resultado, memoriza um versículo, depois eles repetem lá na frente.”** (grifo nosso).

A lugaridade “diferentes experiências religiosas no Haiti e no Brasil” desvela experiências religiosas em mudança no contexto migratório (**“Lá no Haiti, eu era católica. Aqui no Brasil, estou indo a uma igreja evangélica”**), que no caso em análise, está sendo motivada pelo trabalho local de evangelização, que “vai buscar [a pessoa] onde está”, e pelo desejo de atualizar a experiência religiosa própria, entendendo que a presença do Deus que se busca não se limita a uma instituição e nem a uma relação de denominação religiosa. “Eu vou para a igreja porque é de Deus.”

A lugaridade “igreja-comunidade” foi a que mais se revelou nas entrevistas. O convívio na comunidade eclesial é uma experiência de proximidade com Deus (“uma pessoa que congrega na igreja **fica mais perto de Deus**”), de confiança, de experiência comunitária de construir algo juntos e prover o sustento comum. Percebemos na narrativa do pastor da comunidade pesquisada que há uma forte preocupação com o sustento dos membros que não conseguem emprego, em especial, das mulheres.

A situação das mulheres é muito peculiar, porque, como conformarem o grupo que mais enfrenta dificuldades para se inserir no mercado de trabalho local, elas precisam manter um relacionamento, na maioria das vezes contra sua vontade e, geralmente, com um haitiano, para prover seus meios de sobrevivência no Brasil. Essa condição econômica que lhe impõe um ajuntamento forçado também lhe retira a possibilidade de exercer um papel mais ativo na comunidade. É o que observamos na lugaridade “mulheres na Igreja”. Por outro lado, ainda que uma mulher esteja em dia com a agenda moral da igreja, ela não pode ser pastora. Suas funções são de apoio pastoral, mesmo que, em alguns momentos de sua ação (como cantar), realize tarefas de modo pastoral.

As dificuldades no alinhamento entre as doutrinas das diferentes denominações ali reunidas na pessoa de seus seguidores e a forma como elas são solucionadas não indicam, a nosso ver, uma espécie de sincretismo doutrinário evangélico, mas a criação de uma nova conjuntura religiosa baseada na interpretação do livro sagrado por meio da autoridade pastoral e de outros líderes, em negociação comunitária e em acordo com a definição de uma maioria, cuja interpretação passa a ser a dominante.

A lugaridade “Deus” nos revela uma percepção da divindade que implica uma relação que se dá paralelamente de modo horizontal e vertical. A relação com Deus ajuda a viver melhor com as pessoas, a ajudá-las e a ser sensível às suas necessidades, e isso se configura na lugaridade “Deus-Igreja”, que não é percebida de forma tão institucionalizada como no Brasil. **“A questão não é a Igreja, mas a relação com Deus.”** (grifo nosso).

Nesse sentido, a lugaridade “fé e vida” é uma expressão dessa relação com Deus e com a Igreja e tem como base a compreensão de que até o crente pode sentir tristeza (**“Vivo uma vida triste”**). As razões da tristeza e da alegria são telúricas e aceitas como condição do ser-no-mundo.

A lugaridade “pastor-padre” expressa a compreensão de um haitiano que cresceu em um lar católico, mas estudou em uma igreja evangélica no Haiti e que, no Brasil, não participa de nenhuma. Para ele, as diferenças entre padre e pastor passam pela autoridade; entretanto, a despeito dessas diferenças, a questão religiosa se relaciona com a fé das pessoas e não com as pessoas de fé. Deus se revela de modo concreto, ainda que invisível.

“Sonhos e profecias” é uma lugaridade que descreveu um sentido para a experiência da criação da nova lugaridade religiosa. Os sonhos foram narrados pelo pastor que liderou a saída da comunidade da AD e a vinculação à Igreja Metodista. Para o pastor, **“foram 3 sonhos, e eu vi que era Deus quem estava me chamando. Não posso resistir”** (grifo nosso). Os sonhos proféticos tiveram a função dupla de antecipar a compreensão de

eventos próximos e de confirmar a vontade divina para a decisão da comunidade.

Na lugaridade “vodu, catolicismo e protestantismo no Haiti”, observamos relatos da imbricação entre essas experiências religiosas, como também com outras experiências, como a maçonaria, mas em menor quantidade. Já discutimos anteriormente essa temática do ponto de vista teórico, entretanto, aqui nos chama a atenção que a percepção de que a “**misturazinha**” existente na experiência religiosa haitiana não é diferente de “nenhum outro lugar do mundo”. O entrevistado coloca como exemplo o próprio Brasil, onde “crentes pulam carnaval”.

A insistência com que eles devem ser interpelados sobre essa questão causa-lhes mais que um desconforto. Um pastor haitiano chega a afirmar que “**tem muito brasileiro que está confundindo Haiti com a África**” (grifo nosso). Dessa forma, ele expressa o desejo de que sua haitianidade caribenha não seja desconsiderada e de que os haitianos sejam olhados no rosto.

A lugaridade “oração” exprime também uma relação vertical e horizontal: ao tempo em que se refere ao contato com a divindade em busca de orientação, ela também é utilizada para se interceder pelos outros. A posição de orar expressa, antes de mais nada, um ato de vontade de alguém que deseja estar à vontade diante de seu Deus, pois já se sente à vontade diante de sua comunidade.

Por último, temos a lugaridade “*Chants d’Esperance*”. O livro *Chants D’esperance* é uma compilação de 481 canções e 131 coros em francês e em crioulo. Alguns são inéditos, mas a maioria tem origem em coleções de músicas cristãs conhecidas, algumas mais especificamente no Haiti e outras tradicionalmente conhecidas no âmbito das igrejas cristãs espalhadas pelo mundo. Os conteúdos das canções e coros se referem a temas dos mundos da vida: crianças, casamentos, funerais, saúde; e às experiências na comunidade de fé, como o batismo, a Bíblia, a santificação e os cultos aos domingos. É importante ressaltar a presença de muitos cantos que envolvem a temática “esperança”, os quais possuem uma especial vinculação com a pessoa de Jesus Cristo, seja pelo seu trabalho missionário, morte, ressurreição, ou pelo seu retorno futuro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, verificamos a recorrência de algumas lugaridades. As menos recorrentes se referem à chegada ao Brasil (Brasileia, Nova Mutum); outras foram abordadas pouco, mas em muitas entrevistas (língua portuguesa, morte, festas, a decisão de vir para o Brasil, ser haitiano/haitiana, a cidade de Porto Velho, validação de estudos e língua portuguesa). As lugaridades mais recorrentes estão relacionadas à família, às relações de gênero e de trabalho, ao Brasil como país receptor e à experiência religiosa no Haiti e no contexto migratório.

As lugaridades dos participantes da pesquisa, entendidas aqui como microterritorialidades, revelam-nos experiências religiosas nos mundos da vida, que são constituídos de presenças e ausências, aproximações e distanciamentos e que, para nós, compõem um quadro de *parousia* telúrica, o “ainda-não” sendo.

Limitar a riqueza dessa experiência à vinculação de membresia ou a preconceitos disfarçados (discursos sobre “despersonalização” ou a prova de uma suposta “inautenticidade” da fé por causa até mesmo de hábitos de higiene) é empobrecer o sentido da experiência religiosa na vida dessas pessoas. Por esses motivos, acreditamos ter alcançado o propósito deste estudo: desvelamos a geograficidade em alteridade de seus mundos (próprio, circundante e compartilhado) considerando a experiência como escala geográfica, o sujeito como lugar e mergulhando em suas narrativas, a partir das quais as lugaridades dessas experiências foram construídas

Como Heidegger, acreditamos que a verdadeira experiência religiosa é originária, não como origem, mas como compreensão da verdade, que nada mais é do que desvelamento do que tem seu modo de ser e de se revelar. Deixamos a quem compreende a experiência religiosa como origem e enraizamento a tarefa de sistematizar princípios sobre o que

considera verdadeiro para pessoas que se organizam em comunidades de fé religiosa. A nós coube desfrutar o movimento que não se abarca e nem se esgota e, que, por isso, continua entrelaçando e atualizando nos mundos da vida suas experiências de fé e migração.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA sagrada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2007.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Wherter Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JEANTY, Edner A. **Le christianisme en Haïti.** Bloomington: AuthorHouse, 2011.

1300. – LE PROTESTANTISME en Haiti. **Haiti-Référence:** un guide de référence sur Haiti. Maio 2000. Disponível em: <<http://www.haiti-reference.com/religion/protestant/>>. Acesso em: 21 jun. 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa.** Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin e Renato Kirchner. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2010

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e cultura de fronteira. **Tempo Social**, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-51, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível em: <http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf>. Acesso em: 22 jun. 2015.

SANTOS, José Antônio dos. **Teologia pentecostal prática:** uma perspectiva bíblica e pastoral. Maceió: Mascarenhas, 2015.

DOCUMENTOS FOTOGRÁFICOS

PEREIRA, Rosa Martins Costa. **Vista da frente dos templos da congregação haitiana da igreja A e da igreja B .** 2013 e 2015. 2 fotografias.

OLIVEIRA, Alex. **Imigrante haitiano saindo de Brasileia com documentos.** 2014. 1 fotografia.

_____. **Lugar de cadastro de imigrantes na entrada do abrigo em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

_____. **Placa na entrada do abrigo em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

_____. **Praça na qual os imigrantes aguardam para solicitar documentos em Brasileia.** 2014. 1 fotografia.

ENTREVISTAS

Haitianos/as

- ANETTE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ANGELINE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ANNA-ROSE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- CALEB [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- CARLEME [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- DINA [ago. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- EMMANUEL [ago./out. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ERIC [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ESPERANCE [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- FRED [ago. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ISRAEL [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- JEAN [nov. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- NÁDIA [jan. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- PAULIN [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- ROSINA [fev. 2014]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- WILLY [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.
- YONEL [set. 2013]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.

ENTREVISTAS

Brasileiros/as

- PR. PAULO [maio. 2015]. Entrevista concedida em Porto Velho-RO.